

Dois jardins de infância em quadras da Asa Sul serão fechados e seis colégios no Plano deixarão de oferecer, gradualmente, as últimas séries do ensino fundamental. Mudanças afetam o projeto original de Brasília

Escolas esvaziadas

ERIKI KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

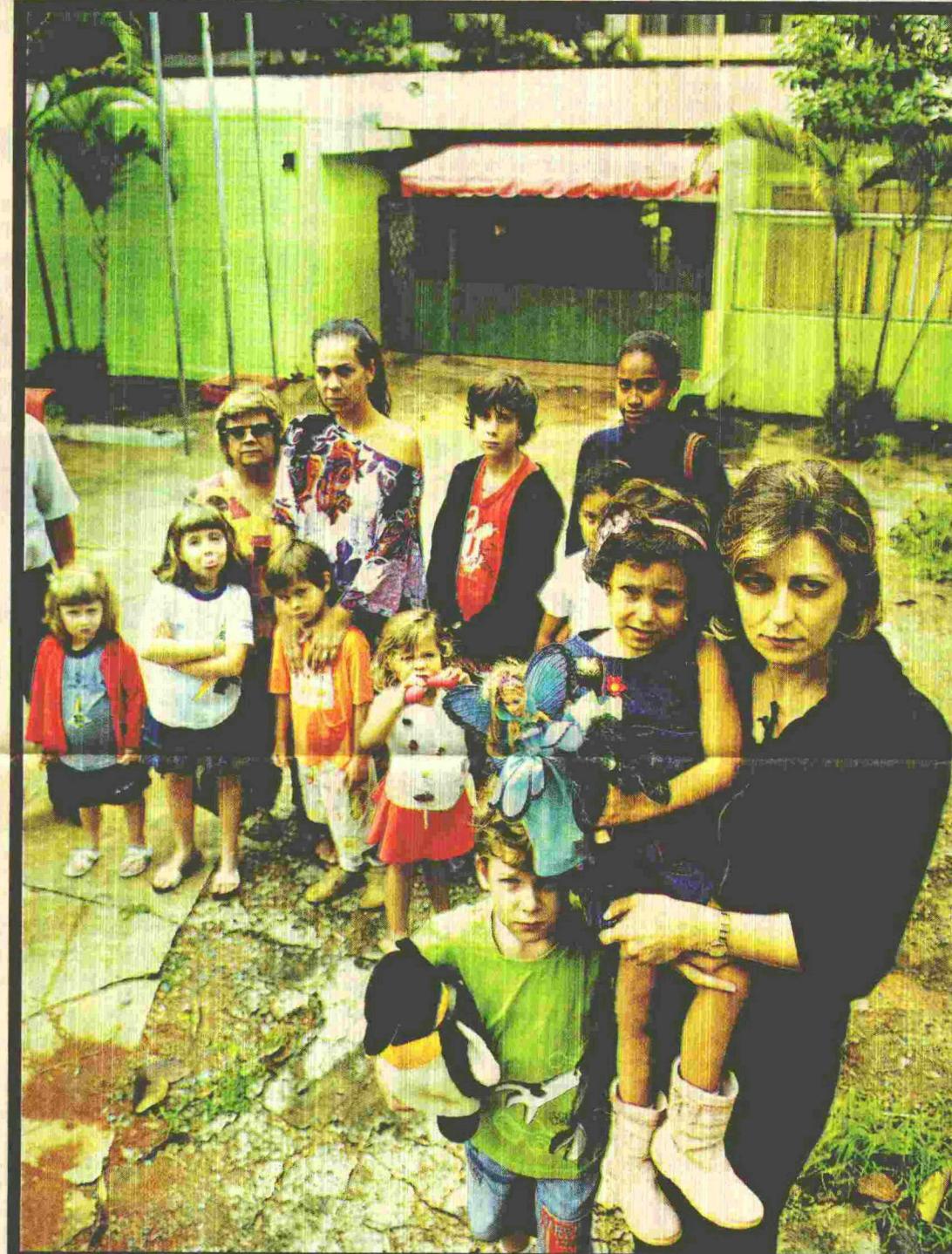
Uma das últimas trincheiras dos planos do urbanista Lucio Costa e do sonho do educador Anísio Teixeira — a oferta de ensino democrático e de qualidade na capital do país — está ameaçada. Pelo menos dois jardins de infância da rede pública de ensino localizados na Asa Sul serão fechados nos próximos dias. E seis colégios de quadras, que funcionam como centros de ensino fundamental (CEF) há 15 anos, estão em processo de reformulação. Dois deles, na SQS 107 e na SQN 104, já não tiveram a 5ª série neste ano e não terão a 6ª série no ano que vem. Aos poucos, perderão as séries finais do ensino fundamental. Outros quatro CEFs passarão pelas mesmas mudanças nos próximos anos.

A explicação oficial do governo é contraditória. No caso dos jardins de infância, fala-se em falta de demanda no Plano Piloto. No da reformulação dos CEFs, a proposta é voltar ao plano original da cidade, que previa escolas classe (EC) com turmas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. "A determinação pelo reordenamento das escolas de 5ª a 8ª séries vai atender a legislação que rege o Plano Piloto, uma vez que a oferta de vagas para os mais velhos dentro das quadras fere a proposta pedagógica inicial de Brasília", explica Mara Gomes, diretora de Planejamento da Secretaria de Educação. Há 15 anos, porém, um parecer do Conselho de Educação do DF autorizou o ensino das séries finais do ensino fundamental nas escolas de quadra por conta, justamente, da crescente demanda por vagas. Argumentava-se que a população do Plano Piloto estava em processo de envelhecimento, e os pequenos já eram atendidos, em sua maioria, nas instituições particulares.

Reunião

A dona-de-casa Cecília Fonseca de Oliveira, moradora da SQS 305 tem três filhos matriculados na rede pública e considera o ensino oferecido nas duas escolas da quadra equivalente ao de colégios pagos. Cecília estava revoltada ontem com a notícia do fechamento das escolas para crianças com idade entre 3 e 6 anos. Em uma reunião na Secretaria de Educação,

Daniel Ferreira/CB/DA Press



SUELY ALVES (D), MÃE DE BEATRIZ, ALUNA DO JARDIM DA 305 SUL, COM OUTROS PAIS E ESTUDANTES DA ESCOLA: APREENSÃO

na última terça-feira, os diretores dos jardins de infância localizados nas quadras 303, 305 e 108 da Asa Sul foram avisados que os estabelecimentos seriam fechados. Eles também foram orientados a não comentar o fato na rede até que uma solução definitiva fosse encontrada. Neste ano letivo, os colégios tiveram, respectivamente, 120, 99 e 75 crianças matriculadas. "Dava para ser mais porque a demanda por vaga para crianças dessa faixa etária é grande em todo o país", observa uma professora que pediu para não ser identificada.

Em 2008, 6.781 meninos e meninas não conseguiram vaga no ensino infantil do DF.

A notícia do fechamento das escolas deixou professores e pais apreensivos. "As crianças estão de férias. Não sabemos onde nossos filhos serão matriculados no ano que vem", diz a servidora pública Suely Alves, mãe da aluna Beatriz, 4 anos, do segundo ano do Jardim da 305. "O que mais me revolta é sabermos isso por meio de boatos. O próximo ano letivo iria começar e a gente não saberia de nada?", completa Rosenete Araújo,

mãe de Isabela e Rafaela, de 6 e 4 anos, também alunas da 305.

A secretária-adjunta de Educação, Eunice Oliveira, garantiu ao Correio que nenhum dos alunos vai ficar sem aula. "Os alunos de 6 anos irão para as escolas classes, onde freqüentarão o primeiro ano da alfabetização. O que não dá é para o contribuinte arcar com o sustento de escolas sem alunos. Vamos remanejar os meninos e meninas para o ensino infantil mais próximo", afirmou. A idéia, de acordo com ela, é unir as turmas da 303 e da 305 e

"O QUE MAIS ME REVOLTA É SABERMOS ISSO (FECHAMENTO DOS JARDINS DE INFÂNCIA) POR MEIO DE BOATOS. O PRÓXIMO ANO LETIVO IRIA COMEÇAR E A GENTE NÃO SABERIA DE NADA?"

Rosenete Araújo,
mãe de duas alunas
do Jardim de Infância
da 305 Sul

"OS ALUNOS DE 6 ANOS IRÃO PARA AS ESCOLAS CLASSES PARA FREQUENTAR O PRIMEIRO ANO DA ALFABETIZAÇÃO. VAMOS REMANEJAR OS MENINOS E MENINAS PARA O ENSINO INFANTIL MAIS PRÓXIMO"

Eunice Oliveira,
secretária-adjunta de
Educação

levar os alunos da 108 para o Jardim da 308 Sul. Ainda não se sabe o que será feito dos prédios que ficarão vazios.

Outros fins

A reformulação dos seis centros de ensino fundamental é mais delicada. Na Secretaria de Educação admite-se abertamente que não existirá demanda para turmas de 1ª a 4ª séries no Plano Piloto. Para completar, atualmente, 90% dos alunos do Plano vêm de outras regiões administrativas que são capazes de absorver,

sozinhas, as matrículas dos mais novos. "Após as mudanças, vamos fazer chamada para ver se recebemos alunos de outras regionais de ensino", explica a diretora da Regional do Plano Piloto e Cruzeiro, Leila Pavanelli.

Adiantando-se à previsão de que não haverá demanda, a Secretaria já procura novo usos para as escolas. "Ao fim do período de matrículas, analisaremos de demanda. Algumas escolas do Plano Piloto serão usadas para outras atribuições, mas vale destacar que a alteração do uso só será feita de acordo com o que permite a lei", afirma Mara Gomes.

O principal alvo da reformulação são as escolas localizadas dentro do que Lucio Costa batizou de Unidades Vizinhança, compostas originalmente por quatro quadras residenciais e três escolas: jardim de infância, escola classe ou CEF e uma escola parque. "A escola é o coração da Unidade Vizinhança, isso não pode mudar", defende o diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha), José Carlos Coutinho.

Ao contrário do que argumenta a Secretaria de Educação, Coutinho explica que a transformação das escolas classe das SQS 106, SQS 107, SQS 103, SQS 113, SQS 408 e SQN 104 em CEFs, há 15 anos, não feriu o plano da Unidade Vizinhança. "A mudança foi necessária devido à queda da natalidade e ao consequente envelhecimento da população. Não houve problema porque é a troca de uma escola por outra." Já se a alteração representar a oferta de outro serviço no espaço dos jardins de infância ou centros de ensino fundamental irá contra o princípio do tombamento de Brasília. "Com outro tipo de público, o movimento migrará para dentro da área residencial. As quadras foram feitas, com suas ruas e estacionamentos, para um fluxo específico. A mudança abre um precedente perigoso", analisa o diretor do Depha. E conclui: "É claro que existe demanda, o problema é que o ensino não é bom o suficiente e não interessa à população do Plano Piloto".